

Atores em Rede: Subjetividades e Desejos em Expansão

Brasilina Passarelli

Prof. Titular do Dep. de Biblioteconomia e Documentação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. Coordenadora Científica do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação "Escola do Futuro/USP".

Drica Guzzi

Mestre em Comunicação e Semiótica. Coordenadora do Programa ACESSA SP e do Laboratório de Inclusão Digital e Educação Comunitária da USP no Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação Escola do Futuro/USP.

Hernani Dimantas

Mestre em Comunicação e Semiótica. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da USP. Coordenador do Programa ACESSA SP e do Laboratório de Inclusão Digital e Educação Comunitária da USP, articulador do projeto Metareciclagem.

Juliana Kiyomoura

Bacharel em Jornalismo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da USP.

Resumo

Comportamento de usuários de programas de inclusão digital em redes sociais da informação o objetivo de identificar, temas de interesse, apropriação de tecnologia social e produção de subjetividade. Método de pesquisa qualitativo; a técnica de coleta de dados grupo de discussão; amostragem com recorte por idade e localização geográfica, capital e interior do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: redes sociais, subjetividade, apropriação da tecnologia social.

Abstract

Social network user's behavior on free web access of brazilian digital inclusion program. The interests of user's, habits, social technology appropriation, and subjectivity production. Qualitative research, a focus group approach. User's behavior on social networks through age and geographical localization in São Paulo/Brazil.

Keywords: social network, digital inclusion, subjectivity production, social-technology appropriation.

Juventude e Redes Sociais

A vida acontece através da nossa experimentação em ser a partir de uma *realidade sociotécnica* (LATOURE, 2008, p. 9) . Nossas ações medram-se em um mundo não qual não há mais como vigorar o modelo epistemológico de separação entre os campos das disciplinas proposto pelo antigo projeto da modernidade. Ciência, técnica, filosofia e o agir social, crítica e construção de pensamento estão imbricados entre si, de maneira que a rede permeia nossas formas de conhecimento e se configura no plano em que produzimos e compartilhamos o saber.

As redes sociais e a Internet são movimentos indissociáveis, na qual as pessoas são capazes de se apropriar das ferramentas disponíveis compondo, ambas, – ferramentas e pessoas – uma *rede híbrida*, ao observarmos as produções culturais atuais em uma realidade on e off-line. Um espaço no qual conhecimentos tácitos, conhecimentos científicos, crenças, desejos e atitudes podem associar-se em uma *merge* livre, sem lugares definidos. Em nossas listas de reprodução do YouTube, encontram-se lado a lado obras clássicas, palestras acadêmicas e vídeos que gravamos e postamos com imagens de nossas famílias e nossos amigos.

“Rede é um conceito, não uma coisa. É uma ferramenta para ajudar a descrever um fenômeno que está sendo descrito”, Latour (2005, p. 131). Esses movimentos com participação de máquinas e humanos potencializaram conhecimentos e compartilhamentos. Web é a liberdade de produção, organização e publicação de conteúdos, denominadas por Castells (2007, p. 248) de formas socializantes da comunicação: *mas-self communication*. Através dessas ferramentas é possível perceber que as redes passaram a ser geradoras de conteúdo delas mesmas, constituindo-se em redes auto-organizadoras e auto-selecionadoras em uma comunicação de muitos para muitos. Trata-se de uma produção cultural emergente, uma sociedade em rede gera uma cultura mais crítica possibilitando maior liberdade de intervenção Benkler (2006, p. 19) para além dos limites das instituições sociais e dos mercados.

Apesar da dualidade constância e inconstância que permeiam os relacionamentos mediados, Rheingold (2002, p. 56) em *Smart Mobs* relata o surgimento de processos colaborativos ao referir-se às *tecnologias da cooperação*, exemplificando inúmeros casos em que a multidão inteligente e conectada se articula em torno de interesses comuns como movimentos políticos e sociais cujo alcance e repercussão na realidade social são potencializados por meio das ferramentas de comunicação. A maneira de comunicar da *Generation Txt* – Geração Txt – (Rheingold 2002, p. 20) por meio do compartilhamento de informações via serviço SMS ou os hábitos da *Content Generation* – Geração “C” – Geração do Conteúdo e da Colaboração como é denominada a geração de consumidores que nasceu após 1995 com a disseminação da Internet por meio do uso do computador pessoal, são hoje mesclados com hábitos antigos de pessoas que ainda estão se acostumando a navegar na rede.

As pessoas agem em rede em um movimento que atinge a proporção de uma multidão atuante realizando intervenções cujos reflexos são sentidos não

só no ciberespaço, mas também na junção do espaço sócio-econômico que transpõe os limites territoriais de uma nação. Os espaços, bem como as instituições econômicas e sociais, perdem seu *status* sólido para ganhar contornos fluidos e adaptáveis a uma lógica de rede, sem centro e nem periferia. Como diz Zygmunt Bauman (2001, p.15). A globalização trouxe, de acordo com Bauman, uma “modernidade líquida”, caracterizada pela necessidade de não-territorialidade das transações político-econômicas, pelas trocas culturais e de saberes locais, pela fluidez das informações sem barreiras unindo diferentes povos, de diferentes regiões e etnias, pelo trânsito do conhecimento. Na rede, há um grande *processo caleidoscópico*, Santaella (2007, p. 33), cuja subjetividade dos indivíduos se mescla à “hipersubjetividade de infinitos textos” os quais nos levam de um nó a outro, multiplicando as informações em uma trajetória livre e sem predefinição. Vivendo em um constante trânsito informacional, o sujeito reformula seus hábitos de leitura e atuação diante dos meios comunicativos a ele oferecidos e isso é a característica primordial que diferencia o ator que compõe a sociedade em rede: a interatividade enquanto meio de ação e atuação. Desta forma, nem sempre as ferramentas comunicativas são utilizadas de acordo com o seu atributo inicial já que passam por uma “apropriação” (MATIELO, 2007, p.7) por parte de seus usuários, os quais re-significam (e aprimoram) constantemente o seu uso.

O fato de o sujeito ser processual faz com que ele também se fragmente e possua múltiplos laços de atuação e interesse, compartilhando distintos focos de atenção. Esta é uma das características que Stuart Hall (2006, p. 13) atribui à contemporaneidade, já que “passamos a ser confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente”. Estas expressões de identidade são também acompanhadas pelo movimento de apropriação da tecnologia social no ciberespaço configurando um movimento de multiplicidade e diversidade de inúmeros pequenos grupos cujas vozes se conectam e se transformam em ações sociais.

Segundo David Weinberger (2007, p. 106), essa liberdade de ação é criadora de um poder de criar e organizar conteúdos e saberes, segundo critérios próprios de classificação e ordem, o conhecimento que se encontra disponível na Internet, através de *tags*, *bookmarks*, *playlists* e *weblogs*. E o agregar a informação que os sites nos fornecem, ao mesmo tempo estamos desagregando, segundo nossos próprios critérios. Colocando de forma simples, os donos da informação não mais são donos da organização da informação, muito menos os empresários donos dos veículos de comunicação. A subjetividade na rede é um espaço de possibilidades para conversações e intervenções sociais.

Atores e Links

Nas redes sociais, a decisão de um ator em se envolver ou não em uma ação coletiva depende do lugar em que ele se encontra no grupo: dos efeitos da influência dos amigos e dos efeitos espaciais e temporais. De acordo com Passarelli (2007). Uma vez que as ferramentas sociais da internet tornaram

viáveis novas formas de ação coletiva, criando grupos de colaboração capazes de transformar o *status quo* cooperação e negociação andam juntas num processo onde decidir entre agir em prol dos interesses comuns ou em prol dos interesses particulares formam caminhos que muitas vezes coincidem ou se distinguem na Web. Segundo Costa (2005), uma atitude de cooperação é mais complexa que uma atitude de compartilhar, pois envolve uma sincronia de comportamentos que exige mudança e adequação entre a subjetividade e o coletivo. A forma mais simples de cooperação utilizando ferramentas em redes sociais é a conversação. Conversação cria maior senso de comunidade que o ato de compartilhar, mas também envolve novos problemas que necessitam de soluções próprias, dadas por seus próprios participantes.

A filosofia da ciência de Michel Serres desenvolve o conceito de “filosofia mestiça” que se propõe como uma visão ontológica do conceito de rede. Segundo tal concepção, a rede se apresenta como um campo heterogêneo de tensões, produzidas por uma infinidade de pontos interligados nos quais nenhum ponto é privilegiado perante os demais, elemento este que permite a possibilidade de uma rede desenvolver-se através de múltiplos aspectos. Múltiplos atos. Múltiplos atores. Multiplicidades.

Espaços vazios na rede, intervalos entre processos de construção e desconstrução são espaços do saber. As pessoas são a web. Onde há pessoas agindo, são formadas influências sociais, há transformações econômicas. Há uma ênfase dada no caráter subjetivo da ação social. Dimantas (2006, p. 17). Ela é analisada através do sentido que assume para aquele que age. Essa subjetividade do agente é formada através da representação que o agente tem do curso de sua ação/conversação. Para Maffesoli (1987, p. 18), mais do que identidade, o sujeito contemporâneo é caracterizado por identificações as quais são moldadas segundo a fugacidade e instantaneidade das relações, seja por meio de hábitos de consumo, como a moda, seja por meio da própria relação afetiva o que independe do espaço físico que habita e dos próprios hábitos compartilhados em sua nação.

Segundo Dimantas (2006, p. 68) “link é poder”. Esses mesmos links compartilham não só a mesma base de conhecimento, mas estabelecem laços sociais, um elo de ligação e uma conexão rizomática que passa a ser chamada de “Linkania”. E esta Linkania parte do princípio determinante de que há a multiplicação das vozes, a descentralização do poder e uma multidão que emerge através da conectividade, possibilitando novos agenciamentos.

Assim, propomos esse olhar sobre o jovem e o jovem adulto brasileiro que, a princípio, parece compor um cenário no qual, por meio das redes sociais, apresenta a potência de ser altamente atuante e participativo em seu cotidiano. De acordo com esse quadro teórico esboçado aqui, lugar no qual o jovem e o adulto não se moldam em valores sólidos, calcados em uma estrutura fixa, mas buscam o fluido como uma maneira de inovar, renovar.

Redes Sociais e Inclusão Digital

Mudanças contribuídas pelo uso da Internet, bem como o aumento de seus usuários enquanto atores participantes na rede já são perceptíveis hoje no Brasil. Ao incorporar o uso destas novas tecnologias, é possível perceber uma nova forma de participação social e pública incorporada pelos cidadãos. A partir da familiaridade com o ambiente em rede, novos caminhos são traçados pelo ator. Conforme Guzzi (2006, p. 48) “a participação pública se faz ressoar, desse modo, pela intersecção com os objetivos mais imediatos ou locais, ou seja, de uma governança local para a global”.

Quando falamos em redes sociais pensamos em troca. Esta troca gera um movimento que vem ampliar a atuação democrática, pois a Internet confere novos poderes às instituições locais já existentes. Ou seja, ela cria um novo elo, uma nova ligação entre o Estado e o cidadão enquanto figura participante e atuante da democracia que ajuda a construir e habitar. O termo *ciberdemocracia* é um termo recorrente que vem de encontro à ação dos sujeitos na rede e seus direitos e conquistas enquanto cidadãos não mais de um país, mas de uma comunidade mundial de serviços prestados on-line. Segundo Negri (2000, p. 210) o movimento capaz de gerar riquezas e democracia vem do poder que emerge das associações e relações sociais em rede e suas inserções e atitudes, capazes de transformar uma realidade a partir de lugares não definidos, mas que se relacionam entre si.

O Programa de Inclusão Digital do Estado de São Paulo - ACESSA São Paulo ou ACESSA SP – apresenta como visão e missão, respectivamente: acabar com a exclusão digital no Estado de São Paulo, ser reconhecido internacionalmente como referência em inclusão digital; garantir acesso democrático e gratuito às tecnologias da informação e comunicação, facilitando o uso dos serviços de governo e produção de conhecimento, e promover os processos de participação pública e redes sociais para o desenvolvimento econômico, social, pessoal e da cidadania.

A Ponline 2007, pesquisa realizada anualmente com usuários do Programa ACESSA SP, revela dois fenômenos no uso das redes sociais característicos da Internet brasileira: o fenômeno Orkut e o fenômeno *Lan House*. Ambos relatam hábitos de jovens e de adultos jovens nas redes sociais de maneira efetiva. O público de cidadãos participantes do Programa ACESSA SP é jovem e constitui-se na faixa etária entre 11 e 24 anos de idade (75,4%). Em uma amostra de 7336 pessoas, 82,2% afirmaram que participam de sites de relacionamento e comunidades virtuais na Web, dentre os principais motivos que envolvem essa participação estão: I) fazer novos amigos (86%); II) conversar com amigos (84%); III) criar comunidades (41%) e IV) editar sua página pessoal (31,8%).

Em prol de qualquer iniciativa de inclusão digital impõem-se o hábito dos brasileiros de freqüentar as *Lans* (*lan houses*) muitas vezes localizadas perto das casas dos freqüentadores e dispendo de adequado equipamento multimídia para a necessidade dos usuários, principalmente os participantes de jogos on-line em comunidades virtuais. Entre os freqüentadores do Programa

AcessaSP, 82% afirmam utilizar as *lan houses* para acesso à Internet, chegando a se configurar esse dado como um hábito da juventude brasileira que precisa ser melhor investigado através de outras pesquisas devido ao fato de as *lans* se constituírem também como provedoras de outros serviços no bairro em que estão localizadas.

Outros dois fatores, que contam na medição do aumento dos usuários de Internet assim como sua atuação em rede, é a disponibilidade de postos de acessos e a familiaridade do usuário com este meio digital. Sanados estes três pontos, estaríamos a caminho de sanar o que Warshauer (2003) chama de “brecha digital” a partir de melhorias conseguidas através da inclusão digital.

Nessa perspectiva, os atores são capazes de utilizar os mesmos procedimentos que servem à escravidão para ampliar suas liberdades, conforme Antoun (2004). Essa potencialidade, tão coletiva quanto subjetiva, contribui para a formação de “ondas” capazes de prover liberdade e possibilidades de que qualquer ponto se conecte ao outro, em qualquer momento. Isso gera potência de ação. Não há uma linearidade, contradição, não há duplos, mas múltiplas linhas de expressão, que deixam abertos espaços para novos movimentos.

Diante de uma pesquisa inicial exploratória sobre os dados da Ponline ao longo dos anos, brevemente demonstrada aqui e diante do fenômeno Orkut e do fenômeno *Lan House* mencionados na pesquisa do último ano de 2007, emerge a questão ou problema de pesquisa em torno da investigação do perfil de usuário em redes sociais: qual o perfil e o comportamento dos usuários de programa de inclusão digital nas redes sociais? Quais as diferenças no comportamento de usuários de pessoas da capital e do interior? As diferenças quando à faixa etária e o uso da Internet apontadas pela pesquisa quantitativa do ano de 2007 são recorrentes? Quais outras diferenças podemos perceber em relação ao item faixa etária e ação na Web?

Espaços de Vivências e Subjetividades

Entre os usuários de programas de inclusão digital, jovens e adultos, da capital e do interior do estado de São Paulo, o acesso à Internet é um espaço de vivências e de relacionamentos, para múltiplas experiências, através da conquista de uma nova dimensão de mundo. Há consciência da desterritorialidade e da capacidade de perceber múltiplos significados; sensação e validação de existência; sensação de pertencimento e reagrupamento social por afinidade. Os jovens parecem conduzir sua navegação com mais desprendimento e ciências das parcialidades. Verbalizam um impulso à ampliação de horizontes, a novos patamares de conhecimento e de ambição frente ao futuro.

As associações de palavras ao termo “Internet” mais recorrentes, independente de grupo, foram “informação”, “Orkut”, “MSN” e “e-mail”. Apesar das referências ampliadas, relativas ao estar num mundo globalizado e com informação abundante, na aplicação cotidiana as redes sociais são o alvo. Daí se constata que o ambiente digital vem como viabilizador ou potencializador de contatos. Contudo, o uso não é necessariamente trivial, podendo a rede servir para objetivos profissionais e intelectuais, afora as questões emocionais

amorosas, fraternais e familiares mais corriqueiras. Há uma relativa divisão de opiniões quanto à intensidade dos laços estabelecidos. Alguns depoimentos:

“a gente não tem vergonha na internet” - F, 16 anos, interior

“é importante olhar nos olhos” - M, 19 anos, interior

“amizade é difícil de fazer, tem que ser ao vivo, mas pode iniciar pelo Orkut” - M, 19 anos, capital

“amigos é difícil, eu encontro colegas” - M, 34 anos, capital

“posso ser contraditório e até poético, mas escrevendo se expressa o fundo da alma, bem mais que a expressão” - M, 16 anos, capital

“sempre fui muito solitário. Eu tenho mais amigos no Orkut, mas a maioria nunca vi” - M, 17 anos, capital

“conheço pessoas novas, com afinidades, mas prefiro desabafar pessoalmente” - M, 19 anos, capital

“Orkut é bom pra passar o tempo, desabafar um pouco. O computador deixa mais próximo de alguém” - M, 17 anos, capital

“pelo Orkut é tudo diferente, é melhor” - F, 16 anos, interior

“no Orkut, o impulso é maior, diferente da vida pessoal” - F, 17 anos, interior

“até quando a pessoa tem perfil fake está na verdade falando algo de dentro de si” - M, 16 anos, capital

“entro no orkut pra achar amigos que não vejo há muito tempo” - M, 16 anos, capital

“ao vivo é mais difícil esconder a verdade que no Orkut, às vezes é difícil saber se a pessoa está brincando” - M, 19 anos, capital

“existem contatos muito bacanas. Existem contatos sérios. Mas na internet é uma coisa, cara-a-cara é outra” - M, 35 anos, capital

“a pessoa se idealiza no que, na realidade, não pode ser. Lá não tem limites da sociedade” - F, 39 anos, capital

“é mais fácil mentir na internet” - M, 34 anos, capital

E quem não tem Orkut é mal-visto no interior, mas nem tanto na capital entre usuários jovens. Neste último grupo, não ter email pode ser considerado inusitado.

“conta menos” - F, 17 anos, interior

“é um excluído” - M, 19 anos, interior

“é uma ovelha negra, é estranho” - F, 19 anos, interior

O cenário da rede tanto se presta a alguma fantasia e muita diversão quanto atrai preconceitos.

“quem tem personalidade fala a verdade. Mas há discriminação contra negro, gay, pobre no Brasil. A internet ajuda a se esconder” - M, 38 anos, capital

“já desfiz amizade por eu ter deficiência física” - M, 35 anos, interior

De toda maneira, há uma média de participação em 100 comunidades (num espectro de 6 a 387), com uma coleção de 200 amigos (numa faixa entre 10 e 1.200). Poucos são criadores de comunidades, mas se o fizeram não têm ativa movimentação. A postagem em comunidades de terceiros é mínima.

Há inicialmente uma tendência de falar de si concretamente, que se transforma depois em conteúdos metafóricos. É comum a incorporação temporária de linguagens de publicidades famosas e de gírias de novelas. Nem sempre os mais populares no Orkut são populares fora da rede, mostrando o potencial de ter experiências novas na vida virtual.

“coloco uma música, troco conforme o humor ou também faço o contrário para esconder” - M, 16 anos, interior

“meu perfil tem desenhos, textos, letra de música, poesia. Em geral, as pessoas omitem defeitos” - M, 19 anos, capital

“há troca de comunidades e fotos para agradecer uma pessoa, mas o castelo de areia caiu uma hora ou outra. Quem faz isto precisa de tratamento. Eu coloco uma frase legal, ou uma situação que passo na vida” - M, 19 anos, interior

“as pessoas vão se expor mais, mas entram no Orkut já sabendo disso, tudo depende das escolhas” - M, 19 anos, capital

“coloco uma música que revele meu sentimento”- F, 17 anos, interior

“Às vezes, a gente finge coisas para conquistar alguém, mas não é que queira ser diferente”- F, 17 anos, interior

“eu só posso mexer no orkut no final de semana (por causa da internet discada) e ainda me convidam pra sair !!!” - F, 15 anos, interior

Os usuários adultos não demonstram esta disposição. Dificilmente fazem alterações de conteúdo e procuram ser mais sinceros e concretos. Os adultos do interior são severos com o comportamento adolescente.

“adolescentes se expõem muito, eles vão pela aparência”- M, 31 anos, interior

“eles gostam de quantidade de pessoas, vão pela popularidade”- F, 35 anos, interior

“jovens não falam seus defeitos”- F, 34 anos, interior

“adolescente é muito competitivo”- M, 41 anos, interior

Tendências

De certa forma, através da pesquisa qualitativa aplicada foi possível observar comportamentos e realidades múltiplas, tais como os descritos no quadro teórico de referências, principalmente entre os usuários jovens das redes sociais, uma vez que são potencializadores dessa ação em rede.

A fluidez dos relacionamentos, os meandros em relação ao perfil apresentado nas ferramentas de redes sociais, o que parece ser e o que não é, discussões entre o falso e o verdadeiro sem preponderância da moral tão próxima que envolve esses termos e a fácil transição entre o virtual e o real ao ponto de não serem percebidos como “dois mundos opostos”, mas espaços para interação, lazer, trabalho, estudo, sem distinção, foram alguns tópicos abordados de maneira profunda, principalmente pelo público mais jovem experimentador de novas atitudes. Esse interesse refletiu características de comportamento desse jovem: bem articulado ao falar e expor suas idéias, interessando em colaborar, atendo às novidades e possibilidades trazidas pela Internet ao seu cotidiano.

Um ponto interessante em relação aos mais jovens foi a reivindicação do espaço escolar como um espaço no qual a Internet necessariamente deveria ocupar e ser usufruída, pela comunidade. O conflito geracional enfrentado diariamente no que diz respeito ao uso da Internet e hábitos cristalizados dos professores e que estão refletidos nas práticas escolares, não desanima os mais jovens em relação ao estudo e a uma visão de futuro mais positiva.

Entre os adultos encontra-se uma série de resistências em relação às redes sociais que, aos poucos, durante a conversa, vão se dissipando à medida que torna-se fácil dizer que estar na internet é estar utilizando uma ferramenta que nos deixa mais próximos uns dos outros, que facilita e promove a conversação, além do simples hábito de buscar informações ou realizar tarefas consideradas “necessárias”. É recorrente a desconfiança de compartilhar dados e de estabelecer relacionamentos com pessoas desconhecidas pela Internet ao mesmo tempo em que contam experiências de relacionamentos vividos por parentes e amigos próximos. Essas são algumas observações que nos permitem dizer que os adultos demonstram outros usos da internet, também relacionado ao lazer e ao trabalho, mas com menor intensidade que os mais jovens.

De modo geral, as diferenças mais marcantes demonstradas pela pesquisa se deram em relação à variável faixa etária. Em relação à região geográfica,

as diferenças não foram relevantes, notando-se apenas uma sutil diferença no tempo de conversa dedicado pelos os adultos nas redes sociais, sendo maior no interior que na capital.

A Internet, para os usuários de programas de inclusão digital, é uma janela para o mundo: um espaço de vivências e de relacionamentos, um portal direto para múltiplas experiências. Lá as responsabilidades são individuais, ainda que o meio seja entendido como facilitador de anomalias ou descaminhos pelo caráter global e imediato de sua comunicação. Esta questão atrapalha sobremaneira o desempenho dos adultos na rede, muito reticentes sobre os passos-cliques que podem dar e sem exercer sua curiosidade, e portanto não aproveitando a potencialidade da plataforma para facilitação de sua vida cotidiana, inclusive nas questões de *e-governement* por envolver inserção de dados pessoais e números de documentações. Sobressai a tendência e a demanda de um atendimento específico em programas de inclusão digital de acordo com a faixa etária para os diferentes públicos que usufruem do acesso gratuito.

Referências

- ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André (Org.). **Tramas da Rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BENKLER, Yochai. **The wealth of the networks**: how social production transforms markets and freedom. New Haven: Yale University Press, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- _____. Communication, power and counter-power in network society. **International journal of communication**, v. 1, p. 238-266, 2007.
- COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: **Interface - comunicação, saúde, educação**, v. 9, n. 17, p. 235-48, mar/ago 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1997.
- DIMANTAS, Hernani. **Linkania**: a sociedade da colaboração. 2006. 73f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- _____. **Marketing hacker**: a revolução dos mercados. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- DE KERCKHOVE, Derrick. **A pele da cultura**: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

____. Da democracia para a ciberdemocracia. In: Di Felice, Massimo (Org.) **Do Público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Paulo: Editora Difusão, 2008.

GALEGO, Carla; GOMES, Alberto A. Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. **Revista Lusófona de Educação**. Portugal, n. 5, p. 173-184, 2005. Disponível em: <<http://rleducacao.ulusofona.pt/>> acesso em Out. 2008.

GUZZI, Adriana Araújo. **Participação pública, comunicação e inclusão digital**. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LATOURETTE, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory**. New York: Oxford University Press, 2005.

____. **Jamais fomos modernos**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

____. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Tempos das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MATIELO, Daniela. **Processos de apropriação tecnológica e desenvolvimento de competências de informação a partir dos percursos de usuários iniciantes do Programa AcessoSP**. Programa Conexões Científicas, 2007. Disponível em: <http://www.acesasp.sp.gov.br/html/modules/xt_conteudo/index.php?id=35> Acesso em 26 out. 2008.

HARDT, Michael; NEGRI, Toni. **Multidão**. Trad. Clóvis Marques. São Paulo: Record, 2005.

____. **Empire**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000.

4º Dossiê Universo Jovem MTV, 2008. Disponível em <<http://www.aartedamarca.com.br/>> Acesso em 28 out. 2008.

PASSARELLI, Brasilina; GUZZI, Adriana de Araújo; ZUQUIM, Judith (Coord.) **Ponline 2006**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação – A Escola do Futuro, Laboratório de Inclusão Digital e Educação Comunitária, 2006. 8v.

PASSARELLI, Brasilina; GUZZI, Adriana de Araújo; DIMANTAS, Hernani (Coord.) **Ponline 2007**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Núcleo de Pesquisa das Novas Tecnologias de Comunicação Aplicadas à Educação – A Escola do Futuro, Laboratório de Inclusão Digital e Educação Comunitária, 2006. 9v.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces digitais na educação: @lucinações consentidas**. São Paulo: Editora da Escola do Futuro da USP, 2007. (Conexões Científicas: teses e dissertações).

PERNIOLA, Mario. **Transiti: filosofia e perversione**. Roma: Castelvechi, 1998.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs: the next social revolution**. Cambridge, MA: Basic Books, 2002.

_____. **The virtual communities: homesteading on the electronic frontier. Revised Edition. Cambridge: MA: MIT Press, 2000. Disponível em** <<http://www.well.com/~hrl/vcbook/>> Acesso em Jul. 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. 2^a ed. São Paulo: Editora Paulus, 2007.

TURKLE, Sherry. **Vida no ecrã: a identidade na era da Internet**. Tradução: Paulo Faria. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1997. (Coleção A Sociedade Digital).

UNIVERSAL MACCANN. **Wave 3.0: power to the people social media tracker**, 2008. Disponível em: <www.universalmccann.com/Assets/wave_3_20080403093750.pdf> Acesso em 29 out. 2008.

WARSCHAUER, Mark. Reconceptualizing the Digital Divide. **First Monday** [online]. v. 7, n. 7, 2007. Disponível em: <http://www.firstmonday.dk/issues/issue7_7/warschauer/>. Acesso em: 21 set 2007.

WEINBERGER, David. **Everything is miscellaneous: the power of the new digital disorder**. New York: Times Books, 2007.